

Superação, em terra e nas alturas

Funcionária da Cocen enfrenta doença com escaladas e provas de percurso



MARIA ALICE DA CRUZ
halice@reitoria.unicamp.br

Dedo de Deus. Brisa, azul, montanha, mata, aves e as rochas. Dedo de Deus é completo, mas quem pode tocar suas pedras? Quem já tentou em vez de um ângulo contra plongée (de baixo para cima), outro plongée. Dedo de Deus é muito alto, lembra o inatingível a quem não pode ou tem medo de altura. Mas Carla Baldan Dias foi ter com ele e está entre os privilegiados que, tentando tocar o Dedo de Deus, através de suas rochas, depararam com a região serrana do Rio de Janeiro em plongée, como diriam os amigos cineastas. Teve a oportunidade rara de, sem qualquer janelinha de aeronave, comungar com a natureza do alto da montanha. “A sensação de chegar ao final da escalada e ver toda aquela paisagem não tem preço. Trocamos energia com a mata, a montanha.” Apesar de ter substituído a escalada pela corrida em 2009, ainda traz no discurso a gratidão por tudo o que a modalidade ainda proporciona.

De todos os sentimentos proporcionados pela chegada ao Dedo Deus, Carla evidencia a superação. Por um longo período da vida, portou-se como uma simples espectadora ao apreciar imagens, textos, paredes de escalada. Para ela, era algo fora de sua realidade, pois na infância vivia agasalhada, sem contato com a natureza e aconselhada a praticar apenas natação, apesar do medo de água. Mas em contato com as rochas, aos poucos, o medo, maior obstáculo das conquistas humanas, parou de nublar as oportunidades. A asma deixou de ser um fantasma a assombrar a vontade de subir, sem se preocupar com a volta.

Se a preocupação da família com suas crises de asma na infância limitaram os espaços e a diversificação de atividades físicas, o encontro com o marido, Luiz Felipe Moura, em 2004, abriu todas as possibilidades, principalmente a de contemplar a paisagem sem asas e de pisar lugares que a maioria das pessoas sequer ousa sonhar. Docente na Faculdade de Engenharia Mecânica (FEM) da Unicamp, Moura escalava há 28 anos, quando Carla começou a dar os primeiros passos na parede da Faculdade de Educação Física (FEF). Enquanto muitos resistiram à curiosidade sobre aquele grupo de corajosos que diariamente se reunia para se enroscaar feito homem aranha num patrimônio público, ela resolveu desafiar essa teia ou desafiar-se. “Aprendi tudo com o Felipe. Ele foi meu grande motivador.”

“ATREVIDOS”

Em um ano de escalada, voluntariou-se a monitorar atividades de outros iniciantes naquela parede, sempre na companhia de Felipe, com quem fez parte do Grupo

de Escalada Esportiva e Montanhismo da Unicamp (Geeu). Lá, teve a oportunidade de conhecer e conviver com outros “atrevidos” da natureza. Atrevidos no bom sentido de redescobrir o espaço, a biodiversidade, seja em solo tropical ou não, até chegar ao Dedo de Deus. Até desafiar a altitude alterosa de 5.350 metros do Cerro Áustria, no Condiriri, na Bolívia.

Bolívia, 2008. Nenhum sinal de neve naquela montanha. Somente na descida a sensação de pedaços minúsculos de gelo tocando o corpo numa rápida nevasca, mas o chão seco mostra a ocorrência cada vez menor de neve na Bolívia. Aquele foi um marco inesquecível. A sensação de contemplar a “belíssima” paisagem e os mais de 5 mil metros de altitude conquistados foi indescritível, segundo a atleta.

O Cerro deixava para trás as dificuldades dos primeiros passos. Difíceis, mas motivadores. O medo passa a ser o motivo, o estímulo. A cada obstáculo vencido, aumenta a vontade de querer saber até onde pode ir, conforme descreve Carla. O primeiro contato dela com as rochas aconteceu no Pico das Cabras, em Joaquim Egídio, distrito de Campinas. “De subir nas pedras? Tive muito medo. Achei que não fosse conseguir. Ainda sinto medo. Por ser um esporte que envolve certo risco, mas aos poucos foi ficando menor o medo. Fui superando. Com orientação e equipamento adequado, sempre é seguro desde que se faça com bastante cuidado”, aproveita para alertar.

Sua participação no Geeu, de 2004 a 2010, despertou o interesse de outras pessoas em desafiar a parede da FEF. A maioria do grupo era composta por alunos, ex-alunos e alguns professores. Pelo fato de ser funcionária, outros servidores

descobriram que a parede estava à disposição de quem desejasse escalar, inclusive da comunidade externa à Unicamp. “Ajudei a envolver pessoal. Porque as pessoas pensavam que era somente para alunos”, quando na verdade a disciplina de escalada ainda nem havia sido criada na FEF. Com o tempo, o Geeu tomou corpo e a aliança com aquela Faculdade foi ficando mais forte.

A coragem de escalar também a colocou diante de atletas como Rodrigo Ranieri, de Campinas, que neste momento, segundo Carla, está há mais de 40 dias numa expedição do Projeto Everest 2013, no Nepal, a mais de 7 mil metros do chão, mais uma vez na tentativa de atingir o pico do monte.

Mais que a satisfação física e a socialização, a escalada dá coragem para as coisas da vida, na opinião de Carla. “Para mim, a escalada ensinou muita coisa, inclusive na minha visão de mundo. O respeito que tenho hoje pela natureza é muito maior”, declara. Até mesmo a rotina de trabalho na Coordenadoria de Centros e Núcleos (Cocen) da Unicamp melhorou, pois a organização passou a ser repensada depois da disciplina no esporte.

Qualquer pessoa pode fazer escalada, segundo Carla, até mesmo crianças, desde que acompanhadas pelos pais ou responsáveis. Qualquer atividade esportiva, em sua opinião, ajuda a preparar a criança para os desafios da vida. E este é o ponto principal, na opinião de Carla. A escalada, em especial, aos poucos, faz com que o atleta crie resistência, força e técnica. Ela avalia que, nos dias de hoje, os pais acabam optando por proteger ao máximo os seus filhos, mas em alguns momentos, as crianças precisam experimentar seus próprios limites, e isso pode acontecer a partir



Carla na Praça da Paz da Unicamp: “O respeito que tenho hoje pela natureza é muito maior”

Da esq. para a dir., Carla Baldan em três momentos: escalando a Pedra do Elefante, em Andradadas (MG), no cume do Cerro Áustria (Bolívia) e durante corrida em Campinas

dessa ou de qualquer outra modalidade esportiva. No seu caso, teve de esperar chegar à fase adulta para enxergar o quanto a infância ficou devendo em aventura. “Via na TV, no jornal. Considerava muito longe mim”, reflete.

No evento Unicamp de Portas Abertas (UPA), o interesse das crianças e adolescentes, ainda pela curiosidade, se escancarava. As filas, a cada edição mais crescentes, renderam muitos registros nas páginas do evento e em publicações da Universidade. Além disso, algumas escolas e instituições também foram recebidas pelo Geeu.

Além do sentimento de superação que pode refletir na saúde emocional, Carla destaca alguns aspectos benéficos para o corpo. Um deles é o contato com a natureza, por ser praticado ao ar livre, em pontos em que não há tanta interferência humana, onde se pode respirar melhor. Outros benefícios mais evidentes são o fortalecimento da musculatura.

Mesmo com tantos pontos a favor e entre tantas realizações, Carla rompeu, mas só por enquanto, com a modalidade que a apresentou as maravilhas do esporte. Em 2008, durante a palestra “Corrida e caminhada para uma vida mais saudável”, promovida pelo GGBS, com o treinador Lucas Tessuti, ela e Felipe, preocupados em expandir a capacidade aeróbica para uma expedição, consultaram o palestrante sobre a possibilidade de treiná-los com a corrida. Fizeram a expedição, mas tomaram gosto por provas de percurso.

Felipe ainda concilia as duas modalidades. Sua última expedição foi no Nepal, no ano passado. Enquanto isso, Carla busca superar agora os desafios do asfalto. Ano passado, participou pela primeira vez da Corrida São Silvestre, em São Paulo, e em março desse ano, participou da Meia Maratona de Paris. No momento, dedica-se aos treinos para uma maratona a ser realizada em 2014.

Carla tem por paixão a paisagem de Macho Pichu, onde pretende estar um dia. “Aquele lugar é incrível. Vejo as imagens e tenho vontade de estar lá”. Mas não esquece a paisagem a lhe sorrir quando pôde tocar o Cerro Áustria, desafiar a Pedra do Elefante, em Andradadas (MG), e se orgulha da coragem que a levou a Teresópolis para, diante do Dedo de Deus, contemplar em plongée as rochas que deixou para trás. “Um dia eu volto a escalar”.